

O nativismo, os teuto-brasileiros católicos e luteranos no Rio Grande do Sul

René E. Gertz

Professor nos Departamentos de História da
PUC/RS e da UFRGS.

Resumo

O texto trata do conflito entre um jornal de língua alemã em São Leopoldo (RS) na década de 1920 com setores católicos da região; da crescente pressão nacionalista no período e da destruição do jornal em 1928, por uma associação, de setores católicos com setores nacionalistas.

Palavras-chave: etnia, religião, Catolicismo, Luteranismo, nacionalismo.

Abstract

The article presents the conflict that happened during the 20th between a newspaper published in German in *São Leopoldo (RS)* and Catholics of the same region; the growing nationalistic pressure in that period and the destruction of the newspaper in 1928, by an association of Catholics and nationalists.

Keywords: ethnic, religion, Catholicism, Lutheranism, nationalism.

Entre os diversos acontecimentos que costumam ser citados como sintomáticos da crise política, econômica, social, cultural e até religiosa que a República Velha enfrentou a partir do início da década de 1920 está a criação do Centro Dom Vital. Ele constitui um episódio que denota, de um lado, um movimento de renovação interno da Igreja Católica e, de outro, uma tentativa de mudança na forma de sua inserção na sociedade e no Estado brasileiros. Nos anos seguintes surgiram vários empreendimentos e movimentos ligados à Igreja.¹

Sob esse pano de fundo, foram apresentadas as emendas Plínio Marques, ou “emendas católicas” - como ficaram mais conhecidas -, quando em meados da década de 1920 foi empreendida uma reforma da Constituição de 1891. As “emendas” visavam favorecer a Igreja Católica no contexto político brasileiro, destacando-se a possibilidade de ensino religioso nas escolas públicas. Na opinião de lideranças católicas, “o Estado permaneceria leigo, mas deixaria de ser ateu”.² Essas pretensões sofreram a oposição de vários setores da sociedade, entre eles os protestantes, em especial os do sul do Brasil, onde se encontrava a maior concentração deles. Em 13 de setembro de 1925 o pastor Theophil Dietschi, presidente do Sínodo Riograndense, que congregava uma parte muito significativa das comunidades luteranas do Rio Grande do Sul, encaminhou um protesto à Câmara dos Deputados contra as “emendas”.³ Para os protestantes a separação entre Igreja e Estado tal como estava estabelecida na Constituição vigente era considerada uma condição imprescindível para a garantia da liberdade e do pluralismo religioso. Por isso a rejeição das “emendas” foi considerada uma vitória para o protestantismo sulino. Mas a polêmica entre católicos e protestantes não cessou - foi acirrada com esse episódio e se prolongou por vários anos.

Em 1874 chegou ao Brasil o pastor Wilhelm Rotermund, doutor em Teologia, para exercer funções pastorais na comunidade evangélica de São Leopoldo. O que deveria ter sido uma estada temporária acabou transformando-se num projeto de vida e Rotermund

¹ Parte das fontes utilizadas nesse texto foi levantada na Alemanha em 1995 durante uma estada de pós-doutorado; graças a uma bolsa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

² *Apud* RODRIGUES, Anna Maria Moog. *A Igreja na República*. Brasília: UnB, 1981, p. 111.

³ Archiv des Kirchlichen Aussenamts (Berlim), Bestand 5, n. 2159. As fontes desse Arquivo da Seção para o Exterior da Igreja Evangélica Alemã serão, de agora em diante, indicadas pela sigla AKA, seguida do número do “Acervo” (*Bestand*) e do número (n.) da pasta.

permaneceu em São Leopoldo até sua morte em 1925. Muito cedo criou uma editora para publicar livros para as atividades pastorais e educacionais nas comunidades protestantes do Brasil.⁴ Sua concepção era de que o protestantismo luterano só podia ser vivido em solo brasileiro estreitamente ligado à etnia alemã - uma visão muito comum entre líderes religiosos protestantes vindos da Alemanha⁵ - levou-o a lançar em 1881 um almanaque chamado *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Almanaque para os alemães no Brasil), que teve muito sucesso e que na década de 1920 chegou a publicar edições anuais de 30.000 exemplares.

Rotermund, além dos empreendimentos visando a melhoria da vida interna das comunidades evangélicas, envolveu-se em, no mínimo, dois confrontos externos: um com os jesuítas e outro com Karl von Koseritz. As comunidades católicas das regiões de colonização alemã, no Rio Grande do Sul foram, até a década de 1920 atendidas, especialmente por jesuítas, que vieram em grande número após as medidas tomadas pelo Bismarck, na Alemanha, contra essa ordem.⁶ Entre outras iniciativas, esses padres fundaram, em 1871, o jornal *Deutsches Volksblatt*,⁷ que divulgava a doutrina e o programa jesuítico para as comunidades católicas das regiões de colonização alemã. E isso incluía, naturalmente, um confronto com as comunidades protestantes, pois na vigência da Carta Imperial, de 1824, a religião católica tinha cunho oficial e isso trazia consequências cotidianas para os não-católicos - num casamento interconfessional, por exemplo.

O outro confronto de Rotermund com o mundo fora das comunidades evangélicas centrou-se na figura de Karl von Koseritz, um imigrante alemão que se estabelecera em Porto Alegre, na década de 1860, iniciando uma intensa atividade intelectual e jorna-

⁴ FAUSEL, Erich. *Wilhelm Rotermund: Ein Kampf um Recht und Richtung des evangelischen Deutschtums in Südbrasilien*. São Leopoldo: Rotermund, 1936.

⁵ DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade*. Porto Alegre/São Leopoldo: EST/Sinodal, 1984.

⁶ BOHNEN, Aloysio & ULLMANN, Reinhold Aloysio. *A atividade dos jesuítas em São Leopoldo, 1844-1889*. São Leopoldo: UNISINOS, 1989. KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre/Florianópolis/Caxias do Sul: Editora da Universidade/Editora da UFSC/EDUCS, 1991.

⁷ *Alguns dados sobre a história do Volksblatt* estão em DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Deutsches Volksblatt: a saga de um jornal*. In: *Anais do Instituto Histórico de São Leopoldo*, v. II. São Leopoldo, 1979/1981, p. 135-151.

lística, fundando a *Deutsche Zeitung*, que abandonou em 1881 para fundar a *Koseritz' Deutsche Zeitung* (Jornal Alemão de Koseritz).⁸ Koseritz era um adepto do evolucionismo e um livre-pensador, o que o levou a criticar a prática da religião. Com isso entrou em conflito com dirigentes eclesiásticos, tanto católicos quanto evangélicos. No lado evangélico esse confronto se concentrou, principalmente na figura de Rotermund.⁹

Assim, para ajudá-lo no trabalho eclesiástico dentro das comunidades protestantes e, como instrumento de combate, nas duas frentes externas, Rotermund fundou em 1880 a *Deutsche Post* (Correio Alemão). Apesar de que esse jornal nunca tivesse atingido tiragens sequer comparáveis às do *Kalender*, tornou-se um instrumento de combate muito mais importante do que este, exercendo ao mesmo tempo um papel eclesiástico e político. Seis anos depois da fundação do jornal, Rotermund repetiu uma tentativa - já feita por antecessores - de criar um Sínodo que unisse as comunidades evangélicas dispersas e autônomas do Rio Grande do Sul. Essa tentativa de unificação das comunidades evangélicas deu origem ao Sínodo Riograndense, que por mais de 80 anos constituiu a organização eclesiástica que congregou a maioria dos luteranos do Estado.¹⁰ Rotermund foi, durante muitos anos, presidente do Sínodo e simultaneamente editor do jornal.

O confronto com o liberalismo ateu de Koseritz cessou no decorrer do tempo, até porque este morreu em 1890, mas as disputas com o catolicismo, em especial com os jesuítas, se prolongaram por décadas. Os enfrentamentos foram constantes, envolvendo muitas vezes discussões políticas e doutrinárias de relevo, mas baixando noutros momentos para níveis de pura fofoca. Foi o que aconteceu, por exemplo, no início de 1923, quando um representante da firma Rotermund vendeu em Nova Petrópolis, além de

⁸ Sobre Koseritz cf. CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959. OBERACKER, Carlos Henrique. *Karl von Koseritz*. São Paulo: Anhambi, 1961.

⁹ FAUSEL, Erich. Karl von Koseritz und Wilhelm Rotermund. Zwei deutsch-brasilianische Führergestalten. In: BEYER, Hans-Joachim & LOHR, Otto (eds.). *Grosse Deutsche im Ausland*. Stuttgart: Union Deutsche Verlagsgesellschaft, 1939, p. 137-156. KÖHNE, Reinhard. Die Auswirkungen der Kulturkampfzeit auf das Deutschtum in Rio Grande do Sul. In: *AUSLANDDEUTSCHTUM und Evangelische Kirche, 1936*. Munique: Chr. Kaiser Verlag, 1936, p. 310-321.

¹⁰ DREHER, op. cit., p. 89 e segs.

livros religiosos e edificantes, uma coleção de livros pornográficos. O episódio chegou ao conhecimento da redação do *Volksblatt* e foi amplamente explorado contra a *Deutsche Post*, inclusive com retomadas do assunto em anos posteriores.¹¹

Apesar do acordo que importantes setores católicos gaúchos estabeleceram com Júlio de Castilhos, no início da República, e que foi mantido, a nível estadual, durante todo o governo de Borges de Medeiros até 1928, pelo qual os “católicos” tinham direito a indicar um pequeno número de deputados na lista eleitoral do Partido Republicano Riograndense,¹² as relações entre “católicos” e republicanos sempre foram tensas em São Leopoldo.¹³ Em compensação, o luterano Rotermond procurou aproximar-se do Partido Republicano local, a ponto de, na década de 1920, o jornal oficial no PRR em São Leopoldo, *União*, ser impresso na sua gráfica. Como era natural, a *Deutsche Post* entrou na discussão das “emendas católicas”. E essa discussão se agudizou, porque uma série de outros elementos vieram a complicar o panorama. Assim, em 1924 se festejou o centenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul e nesse contexto parte da imprensa de língua alemã, sobretudo a *Deutsche Post*, sugeriu a Borges de Medeiros que ao menos um deputado federal gaúcho - entre 16 no total - deveria ser um representante do “teuto-brasileirismo”, já que a população de origem alemã constituía em torno de 1/6 da população total e fornecia de 1/5 a 1/4 do eleitorado riograndense. Foi sugerido com destaque, entre outros, o nome do católico Alberto Bins. Grande parte da imprensa riograndense e brasileira de língua portuguesa reagiu, porém, a essa sugestão e Borges se negou a incluir qualquer dos nomes sugeridos.¹⁴

Na verdade, no entanto, um teuto-brasileiro elegeu-se nesse ano pelo 1º Distrito, que incluía São Leopoldo. Era Lindolfo Collor. Naturalmente, Collor não era um representante do “germanismo” ou do “teuto-brasileirismo” tal como a *Deutsche Post* e outros defensores da candidatura o imaginavam. Segundo MOOG, Collor era pouco

¹¹ AKA, 5/2159.

¹² GERTZ, René E. Catolicismo social no Rio Grande do Sul: a União Popular. In: *Veritas* (PUC/RS), v. 37, n. 148, 1992, p. 553-579.

¹³ GERTZ, René E. A revolução de 1893 nas regiões de colonização alemã. In: POSSAMAI, Zita (ed.). *A Revolução Federalista de 1893*. Porto Alegre: SMC, 1993, p. 45-47.

¹⁴ *Der Auslanddeutsche* (Stuttgart), ano 7, n. 10, maio de 1924, p. 302. Id., ano 7, n. 12, junho de 1924, p. 356.

alemão para aqueles que se consideravam alemães, tinha - embora de origem protestante - hábitos católicos e era protestante para os católicos.¹⁵ Assim, a candidatura e eleição de Collor em 1924 tinha pouco a ver com sua condição de “teuto-brasileiro” e muito mais com sua longa militância no Partido Republicano Riograndense, de cujo órgão oficial, *A Federação*, era diretor há alguns anos. Mas sua eleição não era destituída de significado para os interesses “teuto-brasileiros”, afinal, fora eleito pelo distrito eleitoral que abrangia parte significativa das regiões de colonização alemã, além disso, ao menos até os 20 anos de idade, fora militante da igreja presbiteriana¹⁶ e seu domínio da língua alemã permitia-lhe fazer exegeses do *Fausto*, de Goethe, no original.¹⁷ Sua atuação, depois de eleito, contra as “emendas católicas” no legislativo federal granjeou-lhe as simpatias da *Deutsche Post* e, em função disso, esta entrou firme na campanha para sua reeleição em 1927 e o sucesso eleitoral de Collor, nesse ano, foi convenientemente festejado, destacando-se, nesse contexto, seu papel na rejeição das referidas “emendas”.¹⁸

Nesse mesmo ano de 1927 ocorreu outro episódio importante que teve reflexos significativos sobre o relacionamento do mundo católico com a *Deutsche Post*. Em 5 de abril foi desmembrado de São Leopoldo o distrito de Novo Hamburgo, para constituir-se em município autônomo. Esse desmembramento foi motivado por interesses políticos do governo estadual, e por interesses políticos e sócio-econômicos das populações envolvidas, mas a *Deutsche Post* concentrou-se nos interesses religiosos que estariam em jogo. Na opinião de seus redatores, a emancipação de Novo Hamburgo constituiria uma tentativa de criar ali uma fortaleza do catolicismo, coisa que nunca vingara em São Leopoldo. E nesse sentido o novo município viria a ser uma contrapartida ao município-mãe, onde o protestantismo estava se firmando nos últimos tempos com a instalação dos seminários para a formação de professores e de candidatos ao estudo da Teologia.¹⁹

¹⁵ MOOG, Clodomir Vianna. Lindolfo Collor, o leopoldense. In: MELLO, Leda Collor de (org.) *Retrato de Lindolfo Collor*. Santos : s. e., 1990, p. 138.

¹⁶ MELLO, op. cit., p. 9, na verdade, metodista.

¹⁷ COLLOR, Lindolfo. *Coletânea de pronunciamentos do período de 1922 a 1942*. (Sem indicações - existente na Biblioteca Central da PUC/RS).

¹⁸ *Evangelischer Pressedienst (Berlim)*, 7 de novembro de 1928.

¹⁹ AKA, 5/2159.

Essa questão ainda precisa ser melhor estudada, mas, objetivamente, há alguns indícios em favor da visão da *Deutsche Post*. De acordo com a história oficial, os três líderes políticos que, em 17 de maio de 1924, se encontraram com Borges de Medeiros para, pela primeira vez, pleitear a emancipação foram Jacob Kroeff Neto, Leopoldo Petry e Pedro Adams Filho. Os três eram militantes ativos da comunidade católica local, como se pode ler na mesma fonte, quando há referências aos membros que mais se empenharam na construção do novo templo, nessa mesma época.²⁰ Nas eleições para prefeito de São Leopoldo, em 1928, o candidato do Partido Republicano foi Theodomiro Porto da Fonseca, que tinha como vice um notório maçom, Luís Lourenço Stabel, e entre os oito vereadores republicanos havia outros maçons de renome, como Emílio Augusto Dexheimer e José Carlos Sperb.²¹ Em contrapartida o poder municipal de Novo Hamburgo, depois de um breve governo provisório de Jacob Kroeff Neto, concentrou-se na pessoa de Leopoldo Petry, por determinação pública de Borges de Medeiros, conforme podemos ler em *A Federação*, órgão oficial do Partido Republicano, de 11 de agosto de 1928: *Comunicamos a V. Ex.a. termos investido o major Leopoldo Petry da direção unipessoal do PR, deste município, de acordo com fonograma de V. Ex.a. de 16 de julho último* (assinado por José J. Martins, Pedro Adams Filho, André Kilpp). Petry era um personagem estreitamente vinculado ao catolicismo teuto do Rio Grande do Sul, inclusive por uma rede de laços familiares. Essa vinculação está patenteada no fato de que em 1926, dentro de um amplo processo de renovação da União Popular, uma tradicional organização católica com funções sócio-econômicas e religiosas, Petry se tornara presidente da mesma.²²

Em 1928 ocorreram outros episódios que ajudaram a azedar ainda mais as relações da *Deutsche Post* com o catolicismo. Um deles estava relacionado à construção do Hospital Centenário em São Leopoldo. Religiosas luteranas haviam doado o terreno e esperavam exercer um papel fundamental na administração do novo estabelecimento. Mas aí a esposa do deputado Jacob Kroeff Neto fundou um a

²⁰ PETRY, Leopoldo. *Novo Hamburgo. São Leopoldo*: Ed. Roterfund, 1963, p. 76-78.

²¹ DIENSTBACH, Carlos. *A maçonaria gaúcha*. Maringá: Ed. Maçônica A Trolha Ltda., 1993, p. 648-680.

²² GERTZ, *Catolicismo social... opus citat.*

“Sociedade de Damas de Caridade”, cujo objetivo era preparar o terreno para que o futuro hospital ficasse nas mãos de religiosas católicas.²³ Torna-se necessário abrir aqui um parêntese para esclarecer quem era o marido da referida senhora. Desde no mínimo o início da República, os Kroeff constituíam uma família de grande influência política e econômica em São Leopoldo. Na virada do século tinham sido responsáveis pela deposição do então prefeito Epifânio Fogaça²⁴ e durante todo o período da República Velha um deles foi deputado estadual dentro do citado esquema de inclusão de “católicos” na lista eleitoral dos republicanos. No momento o expoente do clã era Jacob Kroeff Neto, deputado estadual, estreitamente ligado aos jesuítas. Sua influência - real ou suposta - pode ser aferida por uma notícia de jornal nessa época: o recém-criado Banco do Estado do Rio Grande do Sul efetuou em setembro de 1928 as suas duas primeiras transações em São Leopoldo, intermediadas por Kroeff Neto.²⁵

Além do episódio do Hospital, houve, nesse período, outras situações em que a *Deutsche Post* abriu suas baterias contra o catolicismo. Em agosto de 1928 ela transcreveu uma reportagem do *Kompass*, de Curitiba, sob o título “Concepções católicas”. Um jesuíta de Porto Alegre teria afirmado que o jornal pagaria caro por isso.²⁶ Pouco depois houve outro incidente. Costumava vir a Porto Alegre uma companhia alemã de teatro, comandada por Roman Riesch. Na sua temporada de 1928 estava programada para o dia 16 de setembro a apresentação da peça *Aus der Art geschlagen*, de Ludwig Anzengruber. No dia 14, um dia depois das grandiosas festividades pelos 20 anos de episcopado de D. João Becker, arcebispo de Porto Alegre, o *Diário de Notícias* publicou um manifesto “Aos católicos de Porto Alegre”, assinado por “um grupo de católicos”. O protesto se voltava contra o fato de que no dia 11 de setembro, no Teatro São Pedro, uma “companhia estrangeira” ofendeu e ridicularizou o papa. O texto informava que o Brasil estava aberto aos estrangeiros, mas não se podia permitir que viessem aqui ofender a “religião tradicional dos brasileiros”. Destacou-se que o Brasil mantinha relações diplomáticas com a Santa Sé e por isso não podia permitir que seu

²³ AKA, 5/2160.

²⁴ GERTZ, *A revolução de 1893...*, p. 46.

²⁵ *CORREIO DO POVO*, 25/9/1928.

²⁶ AKA, 5/2160.

soberano fosse ofendido. Daí o veemente protesto contra a injúria do dia 11, mas sobretudo contra as injúrias contidas na peça prevista para o dia 16. Na edição do dia 15 de setembro Roman Riesch respondeu, criticando a hipocrisia de certos católicos que “desnaturam a verdade, adulteram os fatos positivos, e esgazeando os olhos penetram no terreno da instigação”. Disse que as peças de *Anzengruber* vinham sendo apresentadas há meio século e nunca alguém as criticou, nem o papa, pois elas não contêm nada contra ele. A peça em questão foi apresentada por todo o Brasil e em nenhum lugar os católicos se voltaram contra ela. Mas como era sabido que os católicos de Porto Alegre planejavam desen-cadear um escândalo, comunicou que resolvera retirar a peça do programa. Terminou lamentando que o “grupo de católicos” não tenha tido a coragem de fornecer seus nomes. No dia 16 de setembro o “grupo de católicos” publicou nova declaração, informando que, como Riesch resolvera retirar do programa a peça atentatória ao sacerdócio, davam o incidente por encerrado, pois não consideravam o dirigente do grupo teatral qualificado para continuar a discussão.

A *Deutsche Post* entrou nessa briga em suas edições de 15 e 17 de setembro, através de comentários intitulados “O clamor pela fogueira”.

O contorno maior de episódios desse tipo era constituído pelo nacionalismo crescente que caracterizou a década de 1920, no Brasil. Esse nacionalismo apresentava-se sob vários matizes e com diversas ênfases. E um deles era o que se voltava contra os “estrangeiros” no país, o que entre líderes teuto-brasileiros era denominado há muito de “nativismo”. Apesar de que estávamos em um período em que a Alemanha parecia estar militarmente derrotada, o “perigo alemão” no sentido tradicional de ocupação político-militar parecia pouco plausível. Os “alemães” eram um dos grupos de “estrangeiros” a que com freqüência se faziam referências desabonadoras. Além da tradição anti-alemã e dos diversos preconceitos enraizados, a década de 1920 apresentou os maiores índices de imigração de alemães de toda a história, cerca de três vezes o volume da década de 1890, que fora o maior de toda a história da imigração alemã para o Brasil. E, na avaliação de comentaristas alemães e teuto-brasileiros, essa imigração foi muito mais diversificada que as anteriores em termos dos elementos humanos, constituindo-se muitos “alemães novos” em figuras

problemáticas até para as próprias comunidades de origem alemã. Assim, um autor residente no interior do Rio Grande do Sul afirmou que, apesar de haver entre os imigrantes recentes grande número de oficiais e gente com formação acadêmica, outros representavam uma verdadeira “escória”, a ponto de a expressão “alemão novo” ter virado nome feio.²⁷ E a mesma revista que publicou o texto com essa avaliação noticiou, poucos meses depois, que a *Deutsche Zeitung*, de São Paulo, ao comentar a quantidade e a qualidade dos imigrantes alemães do período, o teria feito sob a manchete: “Oh Senhor! Afasta de nós essa benção!”²⁸

Se muitos desses novos imigrantes alemães chegaram a irritar os próprios imigrantes mais antigos e seus descendentes, parece plausível que tenham ocorrido também incidentes com brasileiros de outras origens, e isso, acrescido do clima crescentemente nacionalista que se fazia sentir, ao final da década de 1920, fez com que se multiplicassem as referências desabonadoras às populações de origem alemã no Brasil. Há muitas manifestações nesse sentido registradas pela imprensa alemã. Em fins de 1927 o deputado federal Paulo de Frontin alertou, na conferência interparlamentar econômica, contra o “perigo alemão”. A *Manhã*, do Rio de Janeiro, defendeu o estacionamento de tropas do exército em Blumenau. E o *Jornal do Brasil* reafirmou que a colonização alemã no país tinha objetivos imperialistas.²⁹ No início de 1928 Gustavo Barroso publicou em São Paulo um comentário sobre “jornais estrangeiros no Brasil”, em que afirmou que *não precisamos de estrangeiros que não queiram assimilar-se e que no nosso próprio solo cultivam o apego a outras pátrias*.³⁰ Como a ojeriza de BARROSO ao “bloco germânico meridional” era conhecida, o objetivo de tais declarações foi bem claro. No Rio Grande do Sul o *Diário de Notícias*, de 29 de janeiro de 1928, publicou um artigo de N. Lopes Pereira sobre “A nacionalização do ensino primário nas colônias”. E, alguns meses mais tarde, estabeleceu-se uma polêmica entre o *Libertador* e o *Diário Popular*, em torno da antiga questão de um deputado

²⁷ PESCHKE, Rudolf. Die Neudeutschen in Brasilien. *Der Auslandsdeutsche* (Stuttgart), ano IX, n. 5, março de 1926, p. 147.

²⁸ *Der Auslandsdeutsche*, ano IX, n. 14, julho de 1926, p. 468.

²⁹ *Der Auslandsdeutsche*, ano XI, n. 2, janeiro de 1928, p. 483.

³⁰ *Der Auslandsdeutsche*, ano XI, n. 6, agosto de 1928, p. 175.

federal que representasse a população de origem alemã. Antunes Maciel disse, no *Libertador*, que “estrangeiros” não deveriam ter o direito do voto, enquanto o *Diário Popular* defendeu os colonos.³¹

Mas a efervescência política e cultural em que o Brasil vivia naquele momento não afetou apenas a postura diante das populações de origem alemã, ela atingiu os próprios portugueses,³² ao mesmo tempo em que se costumava destacar a importância da tradição lusitana na formação da identidade brasileira. E um incidente de proporções consideráveis vai acontecer envolvendo imigrantes italianos, quando a tradição do “perigo italiano” nunca atingira as dimensões do “perigo alemão”.

Em julho de 1928 dois aviadores italianos realizaram um vôo transatlântico Itália-Brasil. O feito foi ruidosamente comemorado pelo mundo oficial brasileiro e pelos simpatizantes do regime fascista. Durante a estada no Rio de Janeiro, os dois aviadores sofreram um acidente e um deles, Carlo Del Prete, faleceu após alguns dias. A euforia do feito aviatório transformou-se numa grande comoção. O corpo de Del Prete foi levado pelas ruas do Rio de Janeiro antes de seu embarque em navio para a Itália e a imprensa calculou que cerca de 30.000 pessoas se aglomeraram ao longo do percurso, missas foram rezadas durante semanas em sua memória, os jornais publicaram poesias e outros textos de exaltação ao morto. Dentro desse clima, uma escritora feminista, Maria Lacerda de Moura, destoa ao publicar, no jornal paulista *O Combate*, uma crítica considerando exageradas as homenagens ao aviador morto e lamentando o silêncio em torno do desaparecimento do explorador polar Amundsen. Três artigos sob o título “De Amundsen a Del Prete” desencadearam a ira de dois jornais de língua italiana editados em São Paulo, *Fanfulla* e *Il Piccolo*, e a partir daí se travou uma polêmica que se estendeu por mais ou menos um mês, desde o final de agosto de 1928.

Certamente aguçadas pela situação política em São Paulo, naquele momento, e por razões de política estudantil eclodiram no final de setembro manifestações nacionalistas, que levaram no dia 20 à destruição de uma revista editada em língua inglesa, a *Review of Brazil*, sob a acusação de ter publicado material ofensivo à digni-

³¹ *Der Auslanddeutsche*, ano XI, n. 6, agosto de 1928, p. 513.

³² OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 145 e segs.

dade da mulher brasileira. Quatro dias depois, em 24 de setembro, foi empastelado o jornal *Il Piccolo* por estudantes de Direito.³³

Apesar de nos textos de Maria Lacerda de Moura - que desencadearam a polêmica com *Il Piccolo* e que levaram ao empastelamento - ter havido uma crítica expressa ao fascismo, sem qualquer conotação nacionalista, já que a autora se distanciava de todo tipo de nacionalismo,³⁴ os estudantes justificaram seus atos contra o jornal através de um discurso nacionalista, enquanto a questão do fascismo foi bem menos tematizada em suas manifestações.³⁵ No dia seguinte ao empastelamento o estudante Djalma Forjaz Jr. propôs a criação de um centro destinado a incentivar o espírito nacionalista.³⁶ E no dia 27 de setembro um manifesto do diretório acadêmico da Faculdade de Direito dizia: "continuaremos, contudo, a campanha nacionalista que iniciamos, única capaz de atender aos interesses de assimilação das correntes alienígenas que vêm cooperar conosco na obra de engrandecimento da nossa terra".³⁷

O incidente com *Il Piccolo* repercutiu em todo o Brasil. No Rio Grande do Sul os dois grandes jornais de Porto Alegre, *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, abriram manchetes de primeira página em torno do episódio. O primeiro deu ampla cobertura desde o primeiro dia após o empastelamento, e em sua edição de 28 de setembro, trouxe ampla cobertura sob o título de "Em desafronta de uma injúria", reproduzindo opiniões diversificadas. O segundo também fez extensa cobertura e já no dia 26 publicou um longo editorial, dizendo ser inadmissível que adventícios tragam a política interna da Itália para dentro do Brasil. Fez um elogio à contribuição imigrantista italiana ao Brasil, lamentou o incidente, mas afirmou compreender a reação estudantil diante dos exageros lingüísticos de *Il Piccolo*.

Mas não só os jornais de Porto Alegre se ocuparam com o episódio em torno de *Il Piccolo*. No dia 26 de setembro a *Deutsche Post* comentou o assunto em longo editorial. Ela condenou o em-

³³ GERTZ, René E. *O episódio do Il Piccolo em 1928*. Trabalho apresentado na XVII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, São Paulo, julho de 1997.

³⁴ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

³⁵ O que não quer dizer que o tema estivesse ausente no discurso estudantil e que entre a multidão que participou do empastelamento não houvesse antifascistas.

³⁶ *O Estado de São Paulo*, 26/9/1928.

³⁷ *O Estado de São Paulo*, 28/9/1928.

pastelamento de *Il Piccolo* e de *Review of Brazil* e uma das passagens que mais despertou atenção foi a seguinte:

Brigas de imprensa devem ser resolvidas com a pena e não com o porrete. Só o populacho utiliza a força bruta quando não consegue atingir seus objetivos de outra forma. Se o estudantado se coloca a favor de tais concepções o fato é profundamente lamentável. As opiniões sobre o Brasil como país culto sofrerão um grande baque no exterior com os acontecimentos de São Paulo. O país sofrerá as conseqüências negativas da insensatez de um punhado de jovens sem senso de responsabilidade. Isso deveria ser claramente explicado aos exaltados. Também o ser estudante implica em responsabilidade.

No dia 28, o correspondente do *Diário de Notícias* em São Leopoldo, Plínio Kroeff, filho do deputado Jacob Kroeff Neto, publicou uma nota sobre o comentário do jornal leopoldense, destacando que a utilização da expressão “populacho” para designar aqueles que empastelaram o jornal paulista causou grande indignação. O correspondente do *Correio do Povo*, Dally Santos, publicou nota com destaque idêntico, acrescentando que se temia “a explosão da ira popular em represália ao jornal estrangeiro”. Informou ainda que já ocorrera uma manifestação contra o jornal no dia 27 e a “mocidade local” preparava nova manifestação para o dia 28. O subintendente do 1.º Distrito, Alfredo Gerhardt, pediu calma à população e havia policiamento em frente ao prédio da firma Rotermund, editora do jornal.

No dia 28 a *Deutsche Post* publicou nova matéria, informando que seu texto anterior fora mal interpretado. Deu sua versão, na qual negou ter chamado os que empastelaram o jornal de São Paulo de “populacho”, afirmou que endossava a atitude contra *Il Piccolo* e que sua matéria não foi nada mais do que uma compilação de posicionamentos de diferentes jornais brasileiros sobre o episódio.

Apesar do esforço para neutralizar as reações inamistosas, foi distribuído, nesse mesmo dia, em São Leopoldo, um manifesto convocando para um protesto contra a *Deutsche Post* às 20 horas. Entre outras coisas, esse manifesto dizia:

Deutsche Post, jornaleco alemão que se publica em nossa terra, insultador contumaz de brasileiros, dirigido por mentalidades brumosas, que não perdem ocasião de afrontar aos próprios filhos de São Leopoldo, criticando acremente

*qualquer iniciativa que não parta do grupinho de alemães importados por 'Herr' Rotermond, para comer o nosso pão e vomitar em nosso rosto...*³⁸

Da mesma forma como aconteceu em São Paulo, deve-se, para uma compreensão mais ampla dos fatos posteriores, levar em conta fatores como a política estudantil e a própria política estadual. Em relação à primeira, *A Federação*, de 7 de julho de 1928, informou que houve uma assembléia de estudantes na Faculdade de Direito de Porto Alegre, presidida por Armando Fay de Azevedo. Este lembrou que o diretório estudantil que dirigia surgira há cerca de um ano “para conjurar uma crise na vida acadêmica da Faculdade de Direito” e que seu mandato estava terminando. Por isso cabia à assembléia renová-lo ou tomar qualquer outra atitude. O estudante Mem de Sá propôs a restauração do Centro dos Acadêmicos de Direito, o que foi aprovado por maioria, entrando novamente em vigor os estatutos dessa agremiação. Por isso foi eleita uma diretoria provisória com mandato até 20 de setembro, quando, de acordo com o estatuto restaurado, deveria proceder-se a nova eleição. A nova diretoria da associação estudantil teve Nery Kurtz como presidente e João Neves da Fontoura como vice. Apesar de ainda não terem sido encontradas fontes sobre o transcurso (ou não) das eleições previstas para 20 de setembro, não é ilegítimo apontar a proximidade dessa data com os acontecimentos de 28 de setembro, que serão relatados adiante.

No plano da política estadual estávamos nos primeiros meses do governo de Getúlio Vargas e, apesar da acomodação deste com a oposição libertadora, não se pode esquecer que estava em andamento a formação do Partido Democrático Nacional como partido de oposição ao *status quo*. A própria *Federação*, que representava os interesses republicanos, noticiou, em sua edição de 24 de setembro, que os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* lhe moviam forte oposição em função dos graves acontecimentos políticos, incluindo mortes, em São Gabriel e São Lourenço. Apesar de os dois jornais citados não serem jornais partidários, fica claro que havia uma oposição ativa contra o governo estadual nesse momento.

Independente do papel que esses dois fatores possam ter exercido, fato é que, com as notícias sobre a forma em que *Deutsche Post* se

³⁸ *Correio do Povo*, 30/9/1928.

referira ao episódio de *Il Piccolo* e com a convocação para um protesto a ser realizado às 20 horas em São Leopoldo, estudantes de Direito reuniram-se no início da tarde de 28 de setembro no centro de Porto Alegre e iniciaram uma passeata que os levou até o escritório que a firma Rotermund mantinha na capital, depredando-o. A seguir tentaram por todos os meios transportar-se para São Leopoldo, mas apenas um pequeno grupo conseguiu seguir pelo trem. Esse grupo chegou a São Leopoldo em tempo para participar do anunciado protesto. Este, além de discursos inflamados, resultou em alguns pequenos danos ao prédio da *Deutsche Post*. Pela meia noite os participantes locais se recolheram às suas casas e os de Porto Alegre a um hotel da cidade. Como tudo parecia ter-se acalmado, as autoridades policiais retiraram a maior parte dos policiais que guardavam as instalações de Rotermund. Mas, após uma série de peripécias, pelas 4 horas da madrugada, chegou a São Leopoldo um outro grupo de mais de 50 pessoas e, pela sua superioridade numérica, os poucos policiais presentes não opuseram qualquer resistência à depredação total do jornal. Apesar de tudo, a empresa continuou a existir, como editora e como livraria, até hoje, o jornal não teve condições de reaparecer.

Um jornal alemão atribuiu a depredação a estudantes fascistas de Porto Alegre e aos jovens clericais da União de Moços Católicos, instigados pelo arcebispo D. João Becker pelo fato de a *Deutsche Post* ter feito oposição às “emendas católicas”.³⁹ A avaliação está correta, desde que se entenda por “fascismo” uma tendência radical, xenófoba de nacionalismo, o “nativismo”, como os intelectuais germanistas costumavam chamá-lo.

Interessante, porém, é o fato de que nas manifestações contra a *Deutsche Post* só apareceu esse último elemento e em nenhum momento houve qualquer referência à condição luterana do jornal. Se, no entanto, formos verificar mais de perto quem foram os responsáveis públicos pela conclamação e promoção das manifestações - mesmo que não necessariamente da depredação -, veremos que se trata sobretudo de jovens ligados à União de Moços Católicos (UMC).

O movimento de renovação da Igreja Católica, na década de 1920, também se manifestou na fundação de associações de jo-

³⁹ *Der Reichsbote* de 31 de janeiro de 1929, *apud* Prien, Hans-Jürgen. *Evangelische Kirchwerdung in Brasilien*. Gütersloh : Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1989, p. 305.

vens. Em 1924 existiam cerca de 60 Uniões de Moços Católicos em 10 Estados brasileiros. No Rio Grande do Sul tal movimento estava em organização no final de 1924, sob orientação direta de D. João Becker. Este nomeou, primeiro, em meados de 1927, o Pe. Leopoldo Neis como assistente eclesiástico do Conselho Regional das UMCs e pouco depois nomeou o próprio Conselho.⁴⁰

Em 1928 a imprensa noticiou ampla atividade da UMC no Rio Grande do Sul. Só no período mais restrito de que estamos nos ocupando houve, nos jornais, informações sobre “cursos populares” de química, física, instrução religiosa, moral e cívica que a UMC de Porto Alegre promovia.⁴¹ A UMC da capital realizava reuniões todas as quartas-feiras, anunciando a presença crescente de jovens.⁴² Em homenagem ao Dia da Independência, a UMC do bairro Glória promoveu uma grande festa na qual Riograndino da Costa e Silva falou sobre o tema “Deus e Pátria”, lamentando a frieza da população em relação às grandes datas.⁴³

A UMC de São Leopoldo também era muito ativa. Em 5 de setembro promoveu uma conferência com o conhecido líder católico leigo Adroaldo Mesquita da Costa.⁴⁴ E mesmo a inauguração de uma nova loja de um de seus membros - Ernesto S. Bohrer - foi festejada com alarde.⁴⁵ Os citados correspondentes do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias*, na cidade, eram membros da UMC e no mínimo dois dos autores do panfleto distribuído em São Leopoldo, em 27 de setembro, - Blessmann e Corrêa - faziam parte da diretoria da UMC local.⁴⁶

Fica, portanto, muito claro que as razões mais palpáveis do empastelamento da *Deutsche Post* eram religiosas, mas em nenhum momento esse aspecto transpareceu nas manifestações, destacando-se exclusivamente a questão nacional, sendo o jornal deprecado - oficialmente - por seu antibrasileirismo, seu caráter étnico. Catolicismo e nacionalismo andavam de mãos dadas nesse mo-

⁴⁰ Cf., respectivamente, *Unitas* (Porto Alegre), ano XII, n. 1/2, jan./fev. de 1925, p. 36-37; ano XIV, n. 6/7, jun./jul. de 1927, p. 161; ano XIV, n. 10/12, out./nov. de 1927, p. 301.

⁴¹ *A Federação*, 2/8/1928.

⁴² *Diário de Notícias*, 4/9/1928.

⁴³ *Diário de Notícias*, 5/9/1928.

⁴⁴ *Diário de Notícias*, 5/9/1928.

⁴⁵ *Correio do Povo*, 18/9/1928.

⁴⁶ AKA, 5/2160.

mento; e, apelar para sentimentos nacionais rendia mais dividendos do que conclamar para uma cruzada contra hereges.

Referências bibliográficas

- A FEDERAÇÃO, *Jornal de 2/8/1928*.
- BOHNEN, Aloysio & ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *A atividade dos jesuítas em São Leopoldo, 1844-1989*. São Leopoldo : UNISINOS, 1989.
- CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre : IEL, 1959.
- COLLOR, Lindolfo. *Coletânea de pronunciamentos do período de 1922 a 1942*. (Sem indicações - existente na Biblioteca Central da PUC/RS).
- CORREIO DO POVO, 18/9/1928 e de 25/9/1928.
- DER AUSLANDDEUTSCHE (Stuttgart). Ano IX, n. 14, julho de 1926, p. 468.
- _____. Ano XI, n. 6, agosto de 1928, p. 175 e p. 513.
- _____. Ano VII, n. 10, maio de 1924, p. 302.
- _____. Ano VII, n. 12, junho de 1924, p. 356.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, de 4/9/1928 e de 5/9/1928.
- DIENSTBACH, Carlos. *A maçonaria gaúcha*. Maringá : Ed. Maçônica A Trolha Ltda., 1993, p. 648-680.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Deutsches Volksblatt: a saga de um jornal*. In: *Anais do Instituto Histórico de São Leopoldo*, v. II. São Leopoldo, 1979/1981, p. 135-151.
- DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade*. Porto Alegre/São Leopoldo : EST/Sinodal, 1984.
- ESTADO DE SÃO PAULO, O, de 26, 28 e de 30/9/1928.
- EVANGELISCHER PRESSEDIENST (Berlim), 7 de nov. 1928.
- FAUSEL, Erich. Karl von Koseritz und Wilhelm Rotermund. Zwei deutsch-brasilianische Führergestalten. In: *BEYER, Hans-Joachim & LOHR, Otto (eds.). Grosse Deutsche im Ausland*. Stuttgart: Union Deutsche Verlagsgesellschaft, 1939, p. 137-156.
- _____. *Wilhelm Rotermund: Ein Kampf um Recht und Richtung des evangelischen Deutschtums in Südbrasilien*. São Leopoldo : Rotermund, 1936.
- GERTZ, René E. A revolução de 1893 nas regiões de colonização alemã. In: *POSSAMAI, Zita (ed.). A Revolução Federalista de 1893*. Porto Alegre : SMC, 1993, p. 45-47.
- _____. Catolicismo social no Rio Grande do Sul: a União Popular. In: *Veritas (PUC/RS)*, v. 37, n. 148, 1992, p. 553-579.
- _____. O episódio do Il Piccolo em 1928. In: *XVII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. São Paulo, julho de 1997.
- KÖHNE, Reinhard. Die Auswirkungen der Kulturkampfzeit auf das Deutschtum in Rio Grande do Sul. In: *Auslanddeutschtum und Evangelische Kirche*.

- Munique : Chr. Kaiser Verlag, 1936, p. 310-321.
- KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre/Florianópolis/Caxias do Sul : Editora da Universidade/EdUFSC/EDUCS. 1991.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo : Ática, 1984.
- MOOG, Clodomir Vianna. Lindolfo Collor, o leopoldense. In: *MELLO, Leda Collor de (org.). Retrato de Lindolfo Collor*. Santos : s. e., 1990, p. 138.
- OBERACKER, Carlos Henrique. *Karl von Koseritz*. São Paulo. 1961.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo : Brasiliense, 1990, p. 145 e segs.
- PESCHKE, Rudolf. Die Neudeutschen in Brasilien. In: *Der Auslanddeutsche* (Stuttgart), ano IX, n. 5, mar. 1926, p. 147.
- PETRY, Leopoldo. *Novo Hamburgo*. São Leopoldo : Ed. Rotermond, 1963, p. 76-78.
- PRIEN, Hans-Jürgen. *Evangelische Kirchwerdung in Brasilien*. Gütersloh : Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1989, p. 305.
- RODRIGUES, Anna Maria Moog. *A Igreja na República*. Brasília : Editora da UnB, 1981, p. 111.
- UNITAS (Revista). Porto Alegre. Ano XI, n. 2, jan. de 1928, p. 483.
- _____. Ano XII, n. 1/2, jan./fev. de 1925, p. 36-37; ano XIV, n. 6/7, jun./jul. 1927, p. 161; ano XIV, n. 10/12, out./nov. 1927, p. 301-5.